

O empoderamento feminino no filme “O Piano” (1993)

Marina de Moraes Faria Novais¹

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar como a personagem Ada, no filme “O Piano” (1993), é construída e de que forma ela vai se desenvolvendo na trama, empoderando-se e se descobrindo enquanto mulher independente e dona do seu próprio destino. Para tal, serão perpassados alguns pontos sobre silenciamento de mulheres, empoderamento feminino e liberdade sexual.

O filme torna-se relevante dentro da temática de empoderamento feminino não apenas pelo próprio crescimento da personagem ao longo da trama, mas também pelo fato de ter sido dirigido por uma mulher, Jane Campion, o que contribui para tal perspectiva. O filme foi bastante agraciado pelo público e academia, levando mais de dez prêmios, entre os quais se destacam: Palma de Ouro e Melhor Interpretação Feminina em Cannes e Melhor Roteiro Original e Melhor Atriz no Oscar.

Para se compreender a construção e desenvolvimento da personagem Ada no filme, leva-se em consideração a análise do discurso cinematográfico de suas cenas, através de suas falas, interpretação, cenários, figurino, caracterização, entre outros. O discurso, no cinema, é definido por Ismail Xavier (2008) de uma forma bastante específica para a área.

O discurso é elaborado de modo que haja uma inversão: não se trata de fornecer ao espectador a melhor coleção de pontos de vista para observar um fato que parece se produzir independentemente do ato de filmar; trata-se de compor visualmente “quadros”, privilegiando as configurações plásticas capazes de fornecer a relação mais apropriada entre os elementos ao nível da significação desejada. O primeiro plano não significa um “chegar mais perto do objeto”, mas a construção de um discurso pictórico, que, muitas vezes,

¹ Mestre e doutoranda em Artes, na linha de pesquisa em Cinema, pela Escola de Belas Artes da UFMG. Professora dos cursos de Comunicação Social e Jornalismo da UEMG Divinópolis. Contato: marinamfn@gmail.com

desloca o objeto do espaço de origem ou combina os vários detalhes segundo regras que não são de continuidades, mas de conflito dentro do próprio espaço específico criado pelo discurso. (XAVIER, 2008, p. 109 e 110)

Assim, a partir deste próprio conflito, próprio do discurso, é possível analisar como a personagem é apresentada inicialmente, acompanhando suas transformações dentro da própria história e como os demais elementos cênicos acompanham tal transformação.

METODOLOGIA

Para analisar como a personagem Ada é construída e desenvolvida na trama de “O Piano” (1993) foi utilizado como método a observação da forma de construção do filme, levando em consideração o próprio discurso, conforme já explicitado anteriormente. Foi levado em consideração também o contexto sócio-histórico do filme como referencial para análise de valores culturais / sociais / políticos, conforme definido por Vanoye e Goliot-Lété (1994).

Um filme é um produto cultural inscrito em um determinado contexto sócio-histórico. Embora o cinema usufrua de relativa autonomia como arte (com relação a outros produtos culturais como a televisão ou a imprensa), os filmes não poderiam ser isolados dos outros setores de atividade da sociedade que os produz (quer se trate da economia, quer da política, das ciências e das técnicas, quer, é claro, das outras artes).

[...]

A hipótese diretriz de uma interpretação sócio-histórica é de que um filme sempre “fala” do presente (ou sempre “diz” algo do presente, do aqui e do agora de seu contexto de produção). O fato de ser um filme histórico ou de ficção científica nada muda no caso (p.54 e 55).

A pesquisa também utilizou como método de análise a tentativa de desvendar as metáforas empregadas no filme. Vanoye e Goliot-Lété definem o que seriam essas metáforas no cinema:

A metáfora, *stricto sensu*, é uma figura de expressão verbal, “a forma mais condensada” da imagem literária, uma comparação da qual só restaria o comparante. A compreensão da metáfora baseia-se na analogia do sentido que existe entre o termo utilizado e o termo ausente que o substituiu.

No cinema são as imagens que desfilam e não as palavras. O efeito metafórico pode ser gerado da sucessão de imagens que produzem um sentido que “ultrapassa” o sentido literal. É a associação, mais ou menos, estreita, de imagens que rompem o estricto *continuum* narrativo que cria uma configuração metafórica (mais do que uma metáfora pura). (Ibidem, 1994. p.64)

Assim, a metáfora no cinema funciona como uma leitura, por parte do espectador, daquilo que designa outro sentido, que não o literal. Ou seja, uma interpretação para além das imagens e do som, a fim de desvendar qual seria sua mensagem por trás dos elementos utilizados na construção do filme.

Rose (2002), em seu texto “Análise de imagens em movimento”, propõe, para análise de produtos audiovisuais, a construção de regras para transcrição do conjunto das informações visuais e verbais. Acrescenta-se aqui o conjunto de informações sonoras e não exclusivamente verbais. Aumont e Marie (2011) explicam de forma mais clara sobre a descrição de imagens

Descrever uma imagem – ou seja, transpor para linguagem verbal os elementos de informação, de significação, que ela contém – não é uma tarefa fácil, mau grado a sua aparente simplicidade. Muito mais ainda que uma segmentação do filme, a descrição detalhada dos planos que compõem pressupõe uma posição prévia analítica e interpretativa afirmada: não se trata de descrever “objetivamente” e exaustivamente todos os elementos presentes numa imagem, e a escolha utilizada na descrição resulta sempre, no fim das contas, do exercício de uma hipótese de leitura, explícita ou não. (AUMONT & MARIE, 2011, p. 64)

Assim, a análise traz não apenas a descrição das cenas e sequências relevantes para o tema, mas também destaca alguns frames como forma de melhor visualização para o leitor. Os frames acompanham a ordem na qual são citados durante a análise.

Já sobre as discussões foram utilizadas pesquisas acerca do silenciamento, empoderamento, liberdade sexual, entre outros. Os principais autores utilizados foram Bordieu (1999), Hawkins *et al* (2013) e León (2001).

A HISTÓRIA DO FILME “O PIANO” (1993)

O filme conta a história de Ada, uma pianista muda, que tem

uma filha, ainda criança, chamada Flora. Ela começa o filme contando que não nasceu muda, que assim ficou quando mais nova. No início do filme ela está prestes a se casar com Stewart, em um casamento arranjado por seu pai. Ela então se muda para uma casa no meio de matas, com seu marido, que conta com o apoio de uma espécie de tribo indígena para auxiliá-lo nos serviços da mata e troca de mercadorias. Ada então conhece George, membro dessa tribo, que a auxilia a ter seu piano de volta, uma vez que seu marido recusou-se a levá-lo para casa. Paralelo a isso, ele se apaixona por ela e se insinua sexualmente, em troca do piano. Por fim, ele decide dá-lo totalmente a ela e eles acabam se envolvendo. Ada deixa o marido após um ato de violência contra ela e vai viver com George em outro lugar, junto de sua filha.

ANÁLISES

Ada é um mulher magra e baixa (inclusive o marido, quando a conhece, utiliza de tais adjetivos para se referir a ela de forma pejorativa). Tem a pele muito clara e cabelos castanhos. No início da trama, conforme pode ser visto na Figura 1, quando ainda na casa de seu pai e depois na casa de seu marido, ela está sempre com vestimentas pretas ou escuras, sem decotes ou qualquer parte do corpo a mostra a não ser a cabeça. Os cabelos estão sempre presos. Já no início da trama, enquanto ela narra contando sobre sua mudez, ela diz que seu pai considera o fato um talento.



Figura 1. Ada e sua filha em cenas iniciais.

Quando o pai fala sobre a mudez como um talento é possível notar que a personagem já parece ser silenciada dentro de casa, como se a falta de voz fosse um ponto positivo, por a impedir de falar. Porém, ela mesma diz, durante a narração, que não se sente muda. Isso por causa do piano. Para a personagem, o piano é como

se fosse uma extensão de seu próprio corpo, como se fosse sua voz, e a música sua forma de se comunicar com o mundo exterior.

O silenciamento das mulheres, conforme dito por Bourdieu (1999), faz parte do que ele chama de dominação masculina. Segundo o autor,

Pelo fato de o mundo limitado em que elas estão confinadas, o espaço do vilarejo, a casa, a linguagem, os utensílios, guardarem os mesmos apelos à ordem silenciosa, as mulheres não podem senão tornar-se o que elas são segundo a razão mítica, confirmando assim, e antes de mais nada a seus próprios olhos, que elas estão naturalmente destinadas ao baixo, ao torno, ao pequeno, ao mesquinho, ao fútil etc. Elas estão condenadas a dar, a todo instante, aparência de fundamento natural à identidade minoritária que lhes é socialmente designada. (p. 39)

À Ada, na trama do filme, cabe apenas a função de tocar piano e cuidar de sua filha. Assim, seu silenciamento dá-se não apenas na própria ausência de voz, mas também pelo fato da limitação, não poder ser atribuída a ela qualquer outra função.

Durante a cena na praia, em que Ada chega em um barco, com sua filha e suas coisas (entre elas o piano), com destino à sua nova casa, já é possível ver que a personagem tem um certo desconforto em relação à presença masculina. Enquanto os homens que trabalham como capachos de seu marido a carregam, ela demonstra desconforto em sua expressão facial. Em um dado momento um deles levanta seu vestido na altura do pé para retirar algo que estava embaixo e a personagem se assusta com o fato. Apesar do medo em relação ao próprio corpo, a personagem defende a filha dos homens, em um momento em que um deles diz que deveria dar-lhe uma surra. Ela coloca-se na frente da filha e olha com uma expressão nervosa. O homem se afasta.

Por fim, na cena da praia, o piano precisa ser deixado lá, apesar da insistência de Ada para levá-lo, pois não há homens suficientes para carregar o instrumento. Ada segue o caminho contra sua vontade e para em alguns momentos para olhar para trás e ver o piano na praia. Nessa cena é como se a personagem estivesse deixando sua voz para trás, tendo que lidar com o mundo, pela primeira vez, sem sua forma particular de comunicação.

Quando chegam à nova casa, Flora conta para uma das criadas, que sua mãe perdeu a voz de uma forma muito trágica. Segundo a criança, a mãe estava em uma floresta cantando com o

parceiro (pai de Flora), afastados de todos. De repente começou a chover e eles estavam tão apaixonados pela música que não se importaram. Então, um raio caiu no homem, o queimando e levando-o à morte. A partir desse momento a personagem perdeu sua voz. A criada olha com uma cara assustada para a criança, como se não acreditasse naquela versão da história.

Fica no ar, então, nesse momento, para o espectador, o que de fato teria acontecido. Será que houve alguma violência sexual contra Ada e ela acabou matando o homem? Será que foi realmente a morte do homem que silenciou a personagem? Não fica claro o motivo, porém durante toda a trama é possível perceber que Ada possui bastante medo de figuras masculinas, o que poderia ser explicado por esse possível trauma.

Pouco depois, Ada procura George, que seria um dos líderes do grupo que trabalha com seu marido. Ela vai até a residência do homem, acompanhada de sua filha, e pede, através de um bilhete, para que ele as leve até a praia, até o piano. Ele não entende, pois não sabe ler. Ada pede que a filha comunique o pedido. Ele hesita, porém acaba concordando. Ao chegar no local Ada vai correndo ao encontro do piano e começa a tocar. É o único momento em que a personagem sorri desde que foi morar na casa de Stewart. George percebe a alegria da personagem ao tocar o piano.

Após, há uma cena de Stewart reclamando da falta de carinho de Ada, mas que ao mesmo tempo enxerga que “o silêncio tem seus méritos”. Há aqui, novamente, o mesmo silenciamento já comentado sobre o pai de Ada. A mudez até então parece ser vista como uma qualidade para uma mulher pelos homens na história. O marido não se queixa da ausência de voz da personagem, mas, sim, apenas da falta de contato com ele. Ou seja, o contato que importa é apenas o sexual.

Ao voltarem para casa, George procura Stewart e negocia o piano com ele, por oitenta hectares de sua terra. George diz que quer aprender a tocar e quer lições com a esposa do chefe. Ele aceita o acordo contra a vontade de Ada. Há uma discussão entre o casal e Stewart fica agressivo com a esposa, dizendo que ela precisa aceitar. Ela acata.

Na cena seguinte Ada vai até a casa de George para tocar em seu piano. A filha a acompanha. Ela pede para a filha esperar do lado de fora. Ela toca enquanto George apenas escuta. Ada tenta o ensinar, mas ele diz que não quer aprender, que só quer vê-la e ouvi-la. Em um determinado momento em que Ada está tocando, com apenas as mãos e o rosto como áreas expostas do corpo,

George beija seu pescoço. A personagem se assusta, para de tocar e se levanta. O homem então diz que eles podem fazer um acordo. Que ele sente coisas ao vê-la e que se ela o deixar fazer o que ele tem vontade com ela, terá o piano de volta. Que a negociação será por tecla. Ada hesita, porém aceita.

Há, na cena seguinte, um momento em que George limpa o piano com um pano. O personagem está nu e tem um cuidado muito grande com o instrumento. Há ali, uma metáfora de cunho sexual, como se o piano representasse Ada e o personagem nu deixasse claro seu desejo sexual pela personagem aliado a uma tentativa de cuidado com a mesma.

A caminho da casa de George, Ada é questionada por seu marido sobre as aulas de piano. Ela sorri como se dissesse que estão indo bem. Na primeira negociação, Ada está sentada ao piano, tocando. George pede para ver suas pernas. Ela levanta o vestido. Ele pede para levantar mais. Ela levanta e ficam à mostra suas meias por baixo do vestido. Há um buraco na meia. George coloca o dedo no buraco e toca a pele de Ada através dele, como é possível ver na Figura 2. Ela para por um segundo e volta a tocar. Parece não se assustar mais com o toque dele.



Figura 2. George toca a pele de Ada através do buraco em sua meia

Após, em outro dia, George pede para tocar os braços de Ada, por duas teclas. Ela permite. Em outra cena adiante, enquanto toca, Ada percebe que George cheira seu casaco. Ela para de tocar, se levanta, pega da mão dele. Ele a puxa de volta, abaixa sua vestimenta deixando os ombros dela a mostra e negocia se deitar com ela por cinco teclas. Ela aceita, porém deita-se com a barriga para baixo e como de costas para o personagem. Ele toca as costas da personagem. Ela parece extremamente desconfortável com a situação, conforme mostra a Figura 3.



Figura 3. Ada se deita com George por cinco teclas do piano.

A partir desta cena é possível perceber que Ada sabe o caminho que isso irá tomar. Ela precisará decidir entre se prostituir pelo piano ou ficar sem ele. Como sua relação com o piano é como uma luta contra o silenciamento que ela parece sofrer por parte dos principais homens de sua vida, ela aceita. A personagem não diz, mas fica claro em suas ações que ela prefere se prostituir a ficar sem sua voz, sua forma de expressão no mundo.

Na cena seguinte Ada está com o marido na apresentação de sua filha. George aparece próximo ao casal. O marido pega a mão de Ada. George se incomoda ao ver e sai da apresentação. Ada sorri ao vê-lo saindo. Nessa cena parece que Ada tem a compreensão de que George tem sentimentos por ela que não são apenas os sexuais. Nesse momento de tomada de consciência é como se a personagem percebesse que poderia usar isso a favor dela, para ter o piano.

Em sequência, Ada chega à casa de George e ele apenas diz para ela tocar o que quiser. Ela toca e quando não se percebe observada, para e procura pelo homem na casa. Ela vai até uma cortina e olha através dela. O personagem está nu. Ela dá um suspiro como de susto e se afasta. Porém olha para ele novamente. Ele diz que quer se deitar com a personagem, sem roupa, e pergunta quantas teclas do piano isso vale. Ela diz que dez. Ele aceita. Ela tira a roupa, com certo receio, e se deita ao lado dele. Ele a acaricia. Ela não resiste, porém não parece totalmente confortável com o ato (ver Figura 4).



Figura 4. Ada se deita nua com George por dez teclas

Quando Ada aparece novamente à casa de George ele diz que não quer mais negociar com ela. Que irá devolver seu piano, pois o acordo fez dela uma prostituta e dele um desgraçado. Que ele queria que ela gostasse dele pelo que ele é e como ela não consegue, que o piano é dela e a manda sair. Ela recebe a mensagem um pouco nervosa. E sai com outros homens carregando o piano.

É importante ressaltar que o marido de Ada tem várias tentativas de se aproximar fisicamente da esposa, porém ela o renega por completo.

Após ter o piano de volta, Ada está em casa, tocando, quando parece incomodada. Ela para de tocar e vai até a casa de George. Ele pergunta se houve alguma coisa, se ela esqueceu algo. Ela apenas o observa.

George: Ada, eu me sinto infeliz, porque eu quero você, porque eu só consigo pensar em você. Por isso eu sofro. Eu estou doente de tanto desejo. Eu não como. Não durmo. Por isso, se veio aqui sem sentir nada por mim, então vá embora. Vá. Vá. Saia. Suma! (O PIANO, 1993)

A personagem o olha com emoção enquanto ele fala, conforme Figura 5. Ela então vai em direção a porta e o enche de tapas enquanto chora. Após, senta-se ao chão. Ele abaixa próximo a ela, que o abraça e ele a beija. Ela, então se entrega aos beijos e começam a transar.



Figura 5. Ada se emociona durante a declaração de George.

Este é o primeiro momento da trama em que Ada se permite sexualmente. Enquanto eles se despem o marido de Ada passa pela porta da casa de George, desconfiado que algo está acontecendo. Ele então olha através de buracos na porta e vê a cena. Ele permanece observando, mudando de lugar, até que o sexo termine.

Ada demonstra sentir prazer durante o ato e, apesar da nudez, consegue emitir alguns sons. George então, pede que ela susurre em seu ouvido. Ele a ouve e parece sentir prazer com o susurro. A cena de sexo entre os personagens tem tom passional, de entrega. Ao contrário dos momentos anteriores, em que Ada parecia enrijecida diante da presença e toque de qualquer homem (ver Figura 6).



Figura 6. Ada e George transam pela primeira vez

Após o ato, Ada se veste. George então começa a falar, sem resposta dela. Ela apenas se veste e o observa enquanto fala.

George: Você se vai e eu me sinto infeliz. Por que isso? Ada, eu preciso saber. O que você vai fazer? Você virá de novo? Espere. Não sei o que está pensando. Isso significa algo para você? Já sinto sua falta. Você me ama? Venha amanhã. Se isso é sério para você, venha amanhã. (O PIANO, 1993)

Quando ele pergunta a Ada se ela o ama, ela não responde, apenas levanta sua camisa, beija seu peito, beija sua boca. Um detalhe importante da cena é que após o ato Ada aparece com uma das tranças soltas, pela primeira vez (ver Figura 7). Na cena seguinte, em sua casa, ela aparece feliz, brincando com a filha em casa, com o cabelo totalmente solto. É a primeira vez em que a personagem aparece com o cabelo totalmente solto (ver Figura 8). Isso será abordado novamente adiante.



Figura 7. Ada está com uma das tranças soltas



Figura 8. Ada com os cabelos soltos pela primeira vez

Na cena seguinte Ada está na floresta a caminho da casa de George quando é surpreendida por seu marido, que havia ouvido a conversa anterior sobre o que representaria voltar. Ele então a segura e a impede de ir até o local. Ele a arrasta e tenta a esturpar, porém ela resiste e consegue sair dos braços dele. Até que quando ele finalmente a prende, ela o olha atentamente, ele se paralisa. Então a filha de Ada a chama de longe. Ela se levanta e sai. Há bastante firmeza na atitude de Ada nessa cena.



Figura 9. Stewart tenta estuprar Ada.

Em uma cena seguinte, Ada aparece com um espelho na mão, se observando enquanto está deitada, conforme Figura 10. Ela se olha por vários ângulos diferentes e até mesmo chega a se beijar, no espelho, e também nas mãos. Não há qualquer outra cena anterior em que a personagem se olhe no espelho ou se acaricie.



Figura 10. Ada se olha no espelho

É possível notar, a partir da cena de sexo entre George e Ada, um ponto de virada na história da personagem e sua forma de lidar com as outras pessoas e consigo mesma. O fato de a personagem se permitir sentir prazer no sexo parece estar diretamente relacionado ao seu enfrentamento durante a tentativa de estupro e seu amor próprio.

Assim, Ada deixa de ser uma mulher silenciada e obediente e torna-se agente central da sua vida. O ponto de virada de Ada seria seu empoderamento enquanto mulher. Conforme dito por León (2001), o conceito de empoderamento é utilizado em vários contextos no que diz respeito principalmente às minorias. Em sentido extenso ele pode ser compreendido como o momento em que as pessoas adquirem de fato controle sobre suas próprias vidas. De acordo com a autora o conceito está relacionado à “integração,

participação, autonomia, identidade, desenvolvimento e planejamento e nem sempre referido à sua origem de emancipador.” (p. 96)²

León ainda discute que o empoderamento feminino e feminista acontece em duas direções: o individual e o coletivo. Porém, ela ressalta que o empoderamento individual, para ser de fato empoderamento, precisa estar acompanhado do coletivo, uma vez que é preciso compreender que a sociedade influencia no processo. “O empoderamento como autoconfiança e autoestima deve se integrar em um sentido de processo com a comunidade, a cooperação e a solidariedade”. (León, 2011, p. 97)³.

Assim, é possível notar como o empoderamento individual de Ada acontece a partir do seu relacionamento com George. Ada percebe que através do sexo ela pode ter seu piano de volta, ou seja, ela pode ter sua voz. Ela toma para si o controle de sua vida, de suas ações. Por mais que a proposta de negociação tenha partido de George, é ela quem dita as condições, os preços, os limites. Quando sente que chegou ao limite ela se levanta, ela vai embora. Porém ela acaba despertando por George também um desejo sexual. Quando ela percebe tal desejo, ela mesma vai atrás do personagem e se satisfaz. Então, é possível estabelecer relações entre o empoderamento de Ada e sua liberdade sexual assumida a partir da cena em questão. Conforme dito por Hawkins *et al* (2013), o empoderamento a partir da sexualidade tem impactos positivos para a vida da mulher em especial.

Se, por exemplo, olharmos para o empoderamento das mulheres através das lentes da sexualidade, veremos um retrato mais completo e realístico da mulher: não como uma vítima, tampouco como um produto-feito de mulher “empoderada”, mas como uma mulher com uma vida complexa e em transformação. Veremos uma mulher cujo bem-estar depende, entre outras coisas, de poder fazer escolhas sobre seu corpo, seu prazer e sua própria sexualidade. Pode-se vislumbrar, também, uma mulher que se enquadre – ou talvez questione – o confinamento de pressões sociais e de expectativas sobre seu comportamento. (HAWKINS *et al*, 2013, p. 2)

Dessa forma, é possível compreender que Ada começa a tomar

² Tradução da autora.

³ Tradução da autora.

as rédeas de seu próprio corpo e entender que pode fazer o que quiser com ele, quando ela dita as regras sobre ele para George. Esse pode inclusive ser o motivo pelo qual a personagem decide transar com ele, por compreender, com ele, que o controle de seu corpo e de seu desejo cabe apenas a si mesma. A partir daí ela passa a romper com seus comportamentos anteriores, de silenciamento e obediência e chega a fugir do próprio marido, sem qualquer reação de medo, durante uma tentativa de estupro. Ela percebe que também irá conseguir estabelecer os limites de seu corpo com ele. E pelo fato de ele não despertar seu desejo, ela reluta.

Após Ada se recusar a fazer sexo com ele, Stewart coloca madeiras impedindo a saída pelas portas e janelas da casa. O seu intuito é aprisionar sua esposa, para que ela não vá ficar com George. Porém, Ada, agora empoderada, decide usar seu próprio corpo como arma para enganar seu marido. Ela o acorda, por duas noites (conforme Figura 11), fazendo carícias. Ela acaricia o rosto, mãos, peito, barriga e bunda do marido. Ele tenta encostar-se e ela não deixa. Ainda assim, após os eventos o marido decide confiar novamente em Ada e retira as proteções nas janelas e portas. O marido vai para a floresta trabalhar. Então, a mulher retira uma das teclas de seu piano e escreve a seguinte frase nela: “Querido George, você tem meu coração” (ver Figura 12). Ela enrola a tecla em um tecido e pede para sua filha levar até a casa de George. A filha não quer ir, mas a mãe a obriga. A garota, então, leva a tecla na verdade para Stewart, que volta para casa tomado de fúria.



Figura 11. Ada acaricia o marido.



Figura 12. A tecla para George.

Ao chegar em casa, Stewart diz a Ada que confiou nela e que ela não o obedeceu. Ele pega então seu instrumento de trabalho (o machado), arrasta a pianista para fora da casa e corta-lhe o dedo indicador da mão direita. Ada se levanta, segura sua mão e reluta contra a dor. Ela permanece com expressão forte e resistente. Ela nem sequer chora ou expressa algum sofrimento.



Figura 13. Ada, após ter um de seus dedos mutilado.

Há alguns pontos a serem analisados nestas sequências citadas. O primeiro ponto é que Ada, após seu empoderamento através da sexualidade, vê o sexo como uma estratégia para ter o que queria. No caso, estar livre de novo. E assim ela o consegue. Outro ponto é a metáfora que há por trás do presente de Ada para George: uma das teclas de seu piano. Se o piano era visto por ela como uma extensão de seu próprio corpo, a tecla seria como se ela estivesse presenteando George com uma parte de seu corpo. Mas não com qualquer parte: a parte responsável por sua comunicação com o mundo, a parte de sua voz.

Por fim, quando ela tem seu dedo mutilado pelo marido e permanece firme, ela quer dizer que cortar uma das partes importantes para sua comunicação (o dedo como peça fundamental para

o toque ao piano) não irá ser o bastante para silenciá-la, que ela não aceitará mais tal silenciamento. Assim, é possível perceber que o empoderamento através da sexualidade de Ada tem repercussões em diversos âmbitos da sua vida, principalmente em relação ao enfrentamento e resistência ao próprio marido e a construção social do matrimônio como destino e obrigação da mulher. (BOURDIEU, 1999)

Ao final, ela vai embora da casa do marido para começar uma nova vida com George. Apesar do trauma, ela aparece durante a mudança ainda com uma expressão firme. E agora com um diferencial em sua própria aparência: os cabelos não estão mais presos (ver Figura 14). Os cabelos presos estavam em sintonia com os sentimentos de silenciamento e dominação dos homens sobre a vida de Ada. Agora, em que ela se sente dona do próprio destino, da própria vida e escolhas, ela solta os cabelos como forma de aceitar e tornar livre seu próprio corpo.

Durante a mudança o piano de Ada é levado no barco. Porém, por ser muito pesado, ele torna a viagem mais difícil e demorada. Assim, Ada pede para que os homens que estão remando no barco joguem seu piano no mar. George reluta, diz que não irá fazer isso, que ela irá precisar ou sentir falta do piano. Ela insiste em pedir para lançar ao mar e chega a levantar para ela mesma fazê-lo. George então cede ao pedido e pede que empurrem o piano para fora do barco. Porém uma das cordas do piano fica presa ao pé de Ada, que a lança ao mar junto com o instrumento, como uma âncora. Ela, no fundo do mar, fica alguns segundos sem reação, até que após não conseguir se livrar da corda ela tira sua bota e sobe à margem, onde os homens já estavam a sua procura.



Figura 14. Ada deixando a casa do marido.

Essa cena é o ponto mais forte do empoderamento de Ada ao longo do filme. Ela mesma pede para se livrar do piano, entendendo que ele é um peso para sua nova vida. Quando ela pede

para se desfazerem do instrumento era como se ela compreendesse que não precisava mais dele para ser sua voz, que ela agora podia falar por si. Assim o fazem. Porém, quando o piano se faz de âncora e a leva junto é como se o destino estivesse mais uma vez tentando calá-la, querendo dizer que ela não poderia ter voz sem o piano. Ainda assim ela luta contra aquele ocorrido e volta à superfície. Essa cena metafórica de luta entre as cordas no piano e Ada funciona como um momento chave de enfrentamento, em que ela decide mais uma vez que não irá permitir se silenciar e nem mesmo o piano poderia silenciá-la.

Por fim, uma de suas últimas cenas é quando ela está em seu novo lar, ao lado de George (ver figura 15). Ada aparece com um pano na cabeça e narra sobre estar voltando a falar. O pano serve para ela se esconder enquanto tenta falar. Porém é possível ouvi-la falando. George então aparece, a beija por cima do tecido, o retira, e continua a beijando. Ela aparece então, de uma forma bem diferente das anteriores. Ela sorri na cena, pela primeira vez durante a trama, de forma natural, e em roupas com cores mais claras. Dessa forma é possível fazer uma relação entre o preto, do luto, com sua falta de voz, com seu silenciamento. A partir do momento em que ela abandona o piano e assume sua própria voz é como se ela superasse a fase do luto, como se desse (e ganhasse, de George) a permissão para falar. O fato de George a beijar por cima do tecido e também sem ele é como uma metáfora de que ele a aceitaria como ela é de fato, que não deseja o seu silêncio, mas que respeita seu processo de restabelecimento e aceitação da própria voz de Ada.



Figura 15. Ada em seu novo lar

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises foi possível constatar que a personagem Ada inicia sua narrativa na trama de “O Piano” (1993) como uma

mulher submissa e silenciada pelos homens de sua vida. A partir do momento em que ela conhece George ela inicia um processo de autodescoberta e liberdade sexual que são fundamentais para seu empoderamento enquanto mulher. A partir do sexo, Ada tem mudanças de comportamento em relação aos homens. Não mais de obediência e medo, mas, sim, compreendendo-se como responsável por sua própria vida e escolhas.

A personagem, antes apegada ao piano como uma extensão de seu corpo para a fala devido à mudez, abre mão do próprio instrumento por compreender que sua voz precisa ser exercida como tal, sem necessitar de apoio. Ada inicia um novo tipo de relação também com o próprio corpo, felicidade e desejo.

Assim, o filme “O Piano” (1993) traz importantes reflexões sobre o empoderamento feminino a partir da liberdade sexual. Porém, é importante destacar aqui que ela não se liberta totalmente da dita dominação masculina (Bourdieu, 1999), uma vez que o personagem George assume um papel central em sua vida e a relação se inicia a partir de uma negociação do corpo feminino pelas teclas do piano. Ainda assim, reforça-se que o personagem em questão é importante para o empoderamento de Ada por mostrar-lhe uma nova perspectiva sobre seu relacionamento com os homens: a de domínio e de voz, ao contrário do que ela já estava acostumada em sua vida anterior a ele.

Por fim, ressalta-se que esta é apenas uma pesquisa superficial sobre o tema, que poderá ser melhor desenvolvida e elaborada acerca do filme, por possuir várias outras nuances passíveis de análise sobre o empoderamento feminino.

REFERÊNCIAS

- AUMONT, Jacques & MARIE, Michel. *A análise do filme*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- HAWKINS et al. *Sexuality and Empowerment: An Intimate October 2011, Brighton: Pathways of Women's Empowerment RPC*. Tradução do original em inglês de Cecilia M. B. Sardenberg – Revista Feminismos. Vol.1, N.2 Mai. - Ago. 2013
- LEÓN, Magdalena. *El empoderamiento de las mujeres: Encuentro del primer y tercer mundos em los estudios de género*. La Ventana, Universidad de Guadalajara, Núm. 13 / 2001, p. 94-106.
- ROSE, Diane. Análise de imagens em movimento. In: BAUER,

Martin W.; GASKELL, George (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

VANOYE, Francis; GOLLIOT-LÉTÉ, Anne. *Ensaio sobre a análise filmica*. Campinas: Papirus, 1994.

XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008

Filme

O PIANO. Direção de Jane Campion. Nova Zelândia, Austrália e França, 1993. 120 min.
